

# ENSINAR GEOGRAFIA EM TEMPOS DE COMPLEXIDADE: O DESAFIO FRENTE AO ENEM

Marcos Irineu Klausberger Lerina<sup>1</sup>; Dr Antonio Carlos Castrogiovanni<sup>2</sup>

**Resumo:** A pesquisa, que se encontra em andamento, realizada em nível de mestrado na área do Ensino de Geografia, busca construir propostas de ensino em geografia que fomentem os fazeres e saberes no Ensino Médio, levando o professor a ter melhores condições de ser autor de suas práticas, mas tendo como base a Matriz Referencial do ENEM. Tomando como referência a Epistemologia Construtivista, a Prática Relacional Complexa, e entrevistas aplicadas aos sujeitos pesquisados, pensamos que as práticas pedagógicas em geografia devem partir da cotidianidade do aluno, das atividades concretas e/ou exemplos trazidos da vivência de cada um, buscando desenvolver competências e habilidades, mesmo que provisórias, permitindo construir ideias e atitudes que facilitem a compreensão dos problemas vividos, em diferentes escalas geográficas.

**Palavras-chave:** Práticas pedagógicas; geografia; ENEM; complexidade; juventude contemporânea.

## Introdução

Em um contexto de avanços científicos e tecnológicos, mas também marcado por angústias e incertezas, situa-se a reforma do ensino básico que está sendo implantada no Brasil, a partir de debates não somente de educadores brasileiros, mas que definirá os novos rumos do ensino do país. Pensamos que o Ensino Médio vive uma indefinição acerca de qual caráter deve ter: se preparatório para o ensino superior ou se para o mundo do trabalho, que, por sua vez, há décadas, passa por mudanças, com profissões que nascem e logo se tornam obsoletas graças às constantes inovações tecnológicas. Neste contexto situa-se a Matriz de Referência do Novo Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) a qual se baseia nas competências e habilidades relacionadas aos conteúdos do ensino secundário, que contemplam de uma forma construtiva e reflexiva, os dois objetivos do Ensino Médio (INEP, 2009). Contudo, cremos que ainda não há uma prática escolar efetiva que vá ao encontro de tais necessidades. Entendemos que, apesar de esta mudança estar ocorrendo de forma gradativa nos últimos anos, a efetividade dessa prática escolar não esteja acontecendo, pois não traz aos professores, mediadores diretos do processo educacional, as informações e os conhecimentos adequados para trabalharem com ela, a fim de que se torne uma realidade de êxitos. Por meio dessas constatações e buscando respostas temporárias para as inquietações surgidas, nasceu o problema a ser investigado: “*De quais formas podemos aproximar nossos fazeres e saberes pedagógicos, na disciplina de geografia, às atuais necessidades do Ensino Médio, baseando-se na proposta da Matriz Referencial do ENEM?*”. Acreditamos neste momento que o Ensino Médio deve saber discutir a *cultura da juventude*<sup>3</sup> e a cultura escolar, com o intuito de dar ao aluno a possibilidade de trazer a vida para a sala de aula e, ao mesmo tempo, oportunizar que leve a sala de aula para a vida.

Tendo consciência disso, julgamos que se faz necessário construir propostas de ensino em geografia que fomentem os fazeres e saberes no Ensino Médio, levando o professor a ter melhores condições de ser autor de suas práticas, mas tendo como base a Matriz Referencial do ENEM. Como contribuição à proposta, pretendemos ainda analisar o *sujeito*<sup>4</sup> aluno enquanto Sujeito Complexo, através de entrevistas e observações, a fim de constatar aspectos relativos à juventude contemporânea que se mostra alheia (ou não!) ao (sub) espaço (geográfico) escolar; analisar as características principais do Novo ENEM, que se diferem do antigo Exame e das provas tradicionais aplicadas nos vestibulares; e principalmente o de pensar nas práticas didático-pedagógicas em geografia que busquem aproximar a sala de aula, com a realidade do mundo, inquieto e inconstante, que acontece fora dos muros da escola, a fim de contribuir para a formação de um cidadão crítico-social capaz de enfrentar as diversas situações cotidianas que lhes são propostas todos os dias.

---

<sup>1</sup> Estudante do Programa de Pós Graduação em Geografia/UFRGS; mklaus@pop.com.br

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Ensino e Currículo da FACED e do Programa de Pós Graduação em Geografia/UFRGS; castroge@ig.com.br

<sup>3</sup> *Cultura da Juventude* é entendida por nós a partir de Maffesoli (1996, p. 14) que pontua “[...] a pós-modernidade inaugura uma forma de solidariedade social que não é mais racionalmente definida, em uma palavra ‘contratual’, mas que, ao contrário, se elabora a partir de um processo complexo feito de atrações, de repulsões, de emoções e de paixões. Coisas que têm uma forte carga estética”. É esta complexidade inserida no comportamento dos jovens que lemos como cultura da juventude.

<sup>4</sup> *Sujeito*: Entendido a partir de Morin (2003, p. 127-128), “[...] é preciso reconhecer que, potencialmente, todo sujeito é não apenas ator, mas autor, capaz de cognição/escolha/decisão. [...] É preciso conceber o sujeito como aquele que dá unidade e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades. Precisamos, portanto, de uma concepção complexa do sujeito”.

## Metodologia

A pesquisa, que se encontra em andamento, realizada em nível de mestrado na área do Ensino de Geografia, está embasada em diversas teorias, como a do *Paradigma da Complexidade*, de Edgar Morin, especialmente ao que se refere à sua obra “Os sete saberes necessários à educação do futuro” (2002); a *Epistemologia genética* de Jean Piaget (2007); as considerações sobre *competências e habilidades* de Philippe Perrenoud (1997); e aos conceitos de *Geografia Crítica e Espaço Geográfico* de Milton Santos (1988; 1996). Utilizamos também a Matriz de Referência do Exame Nacional do Ensino Médio (2009) que propõe novos parâmetros para a educação no Brasil. Esta é uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, do tipo estudo de caso. Para analisarmos os sujeitos alunos, optamos por trabalhar com entrevistas em profundidade, estruturadas a partir de questões semi-abertas (FLICK, 2009). Para a apreciação das oficinas pedagógicas escolhemos como proposta a pesquisa-ação (TRIPP, 2005), na qual após as práticas, sempre existe uma reflexão da sua realização.

A área de análise se dá em uma escola pública da rede estadual de ensino, situada na região metropolitana da cidade de Porto Alegre, RS. Esta escola, como uma parte se tece em conjunto com o todo. Dessa forma, buscamos relacionar este estudo com o desafio do complexo de, simultaneamente, ligar, contextualizar e globalizar, sem ter o propósito de esgotar a análise. Esta abordagem, inclusive, vai de encontro ao ensino tradicional que busca em seu paradigma as verdades absolutas.

## Resultados e Discussões

Através das pesquisas e das entrevistas realizadas até o momento, reforçamos as nossas constatações, de que, atualmente, o jovem é mais voltado para o imediatismo, o “aqui e agora”, às imagens, ao corpo, às novas tecnologias da informação, a tudo que seja extremamente novo (MOMO, 2009). Para nós, isso se torna um desafio, pois como percebemos até agora, a juventude contemporânea tem uma dinamicidade extremamente acelerada, enquanto que a construção do conhecimento acontece de uma forma lenta e gradual.

Para nós, a escola, lugar de/da educação, corresponde a um (sub) espaço geográfico, que apresenta forças, poderes, tensões, emoções, mobilidades e interesses, e que é construído e concebido a partir da busca pela resolução dos problemas que a vida nos oferece. Para tal concepção, pensamos que a Epistemologia Construtivista, e a Prática Relacional Complexa são a base epistemológica para objetivarmos o ensino da geografia (CASTROGIOVANNI, 2011). Estes fundamentos embasam a construção das nossas práticas pedagógicas, para que consigamos aproximar a sala de aula e o jovem pós-moderno, tornando o aprendizado prazeroso e significativo.

Baseamo-nos também na Matriz de Referência das competências e habilidades do ENEM, a qual avaliamos, não pelo seu caráter obrigatório, mas por acreditarmos ser, neste momento, a proposta mais consistente a ser adotada no Ensino Médio. Para nos adequarmos a esta proposta, sugerimos as oficinas pedagógicas, como uma das metodologias para a sala de aula, trazendo temas atuais e próximos à realidade dos estudantes. Elas permitem a interação entre o professor e os alunos, ao mesmo tempo em que interagem com o conhecimento, contemplando o saber através do fazer.

Por tal razão, as oficinas que vêm sendo realizadas procuram oferecer momentos motivadores aos alunos, que lhes instiguem a curiosidade, causando-lhes um verdadeiro desequilíbrio para que a busca por respostas lhes tragam novas dúvidas, ligando, portanto, [...] “os conhecimentos em cadeia, formando um anel completo e dinâmico, o anel do conhecimento do conhecimento”. (MORIN, 1996, p. 33)

Ao utilizarmos como metodologia as oficinas pedagógicas, optamos por não utilizar livro didático ou qualquer outro material que trouxesse conceitos prontos. Observamos, então, por diversas vezes, reações distintas por parte de alguns alunos, como a dificuldade na compreensão de algumas atividades propostas, e, principalmente, a insegurança para responder as questões sem ter um texto de apoio, ou qualquer outro material que sirva para “copiar daqui até o ponto!”.

Essas reações vêm constituindo ocasiões importantes para que façamos algumas constatações que nos servem como reflexão. Como por exemplo, por que os alunos não confiam na sua capacidade intelectual e nos seus conhecimentos, para responder com as suas palavras as questões propostas? Desconfiados, em geral, conseguem se expressar verbalmente, mas não se sentem confiantes para colocar as suas ideias no papel. Isto nos parece ser um péssimo hábito, fruto do ensino tradicional, que, fez com que os alunos trabalhassem, ao longo das suas trajetórias, com a simples memorização/descrição sem terem sido levados a uma reflexão maior entre os conteúdos e as suas vidas.

No entanto, ao interagirmos com os estudantes num processo dialógico, observamos que ao participarem das atividades, eles (re) constroem o tempo todo aquilo que é trabalhado. É através de tais discussões que sentimos o quanto é importante e válido trabalhar com os alunos a partir da construção do conhecimento, que leva o estudante ao crescimento em seus diversos aspectos, mas, principalmente, direciona-o a uma visão mais crítica da realidade. Isso só vem sendo possível ao constituirmos um espaço pedagógico que instaura ligações entre o

sujeito e o meio, pois consideramos que é na escola que precisamos conceber a vida, refletindo e compreendendo a nossa condição humana.

### **Considerações parciais**

Consideramos até o momento, as propostas pedagógicas positivas, à medida que o trabalho demonstra propiciar aos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências, mesmo que cada um as desenvolva à sua maneira. O êxito das atividades está centrado nas formas de abordagem das temáticas que, aliadas a diversos recursos, tratam de questões muito próximas dos alunos, uma vez que trabalhamos partindo do vivenciado; preparamos as aulas baseado no que acreditamos ser interessante aos alunos. As temáticas atuais dão margem à reflexão sobre diversos assuntos, o que nos permite, inclusive, conhecer um pouco mais da realidade deles.

Este estudo procura ser uma reflexão das práticas de interação pedagógica com a geografia. Nosso intento é o de buscar uma ação docente, que traga o dia-a-dia dos alunos para a sala de aula, superando a fragmentação dos saberes e a mera transmissão do conhecimento, oportunizando, assim, múltiplas aprendizagens.

As práticas pedagógicas propostas até agora promoveram o envolvimento dos alunos e possibilitaram a constatação de que a geografia pode e deve auxiliar na leitura do mundo de forma plural, contraditória e dinâmica, além de oportunizar a interconexão dos saberes.

O nosso objetivo com este trabalho é construir possibilidades para problematizar e (re) construir diferentes significações da vida na sala de aula. Dar ao sujeito aluno oportunidades para fazer uma leitura crítica dos acontecimentos que constituem a sociedade, tornando-os cidadãos com competências, mesmo provisórias, para contextualizar as diversas situações surgidas no cotidiano.

### **Agradecimentos**

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes) pela bolsa concedida.

### **Referências**

BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. ENEM. Exame Nacional do Ensino Médio. *Textos teóricos e metodológicos*. Brasília: MEC/INEP, 2009.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Ensino, complexidade e diversidade da vida nos fazeres geográficos. In: REGO, N; CASTROGIOVANNI, A.C; KAERCHER, N, A (Org.). *Geografia: Práticas pedagógicas para o Ensino Médio*. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011 a, v. 2.

FLICK, Uwe. *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. 3º Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOMO, Mariângela. Tudo, ao mesmo tempo, Agora! In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *A Educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. P. 197-199.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. *O problema epistemológico da complexidade*. Mem Martins/Portugal: Europa-América, 1996.

\_\_\_\_\_. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 5 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

PERRENOUD, P. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PIAGET, Jean. *Epistemologia Genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SANTOS, Milton. *A Natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1988.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 433-466. Set/dez. 2005.